

7.

116

LUCTUOSOS AYS
DO PRANTO MAIS ENTERNECIDO
NA SENTIDA MORTE
DA SERENISSIMA SENHORA
D. FRANCISCA
INFANTA DE PORTUGAL,

Expendidos em quatorze Oytavas Rimas, glosando
nellas o celebrado Soneto, que principia,

Com fatal ouzadia, horror tyranno;

O qual vem nos Sentimentos Metricos a folhas

17. numero 23.

A U T O R A

THOMASIA CAETANA DE AQUINO.

P O R

DONA MARIANNA JOSEFA
RIO-MAIOR,

Religiosa no Mosteiro da Conceição da Cidade
de Beja.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Nova Officina

DE MAURICIO VICENTE DE ALMEYDA,

morador aos Sette Cotovellos junto a S. Mamede.

M. DCCXXXVII.

Com todas as licenças necessarias.

LUCTUOSOS
DO PRATO MAISEN
NA SENTADA MONT
DA SERENISSIMA SENHORA
D. FRANCESCA
INFANTA DE PORTUGAL

Expedido em Lisboa a 15 de Junho de 1771
Com feitura e escritura pública
O qual vem por sentença do Juiz de Fora
15 de Junho de 1771
A U. V. O. R.
THOMAS CAETANA DE ALMEIDA
POR
DONA MARIA ANTONIA DE ALMEIDA
RIO-MAIOR
Religião no Mosteiro de Santa Clara
de Vila Rica

LISBOA OCCIDENTAL
DE MATURIO VICENTE FERNANDES
M. DC. LXXI
Com todos os livros e papeis



SONETO

DA AUTORA REFERIDA

Com a cricumstancia de fallecer a Serenissima Senhora Dona Francisca em quinze de Julho, dia em que Portugal festejava o Anjo Cultodio do Reino.

COM fatal ouzadia horror tyranno
Te mostras hoje, ò Parca rigorosa,
Em roubares a joya mais fermosa,
Que o nosso Portugal gozava ufano.

Suprema traça foy, Divino arcano,
Que morresse com guarda portentosa
Quem guardada da terra, mais ditosa
Guarda leva de hum ser melhor que humano.

Esta bella deidade, mais luzida
Brilhando está no Ceo já collocada,
Reynando illustre Infanta em melhor vida.

E como foy de Deos taõ dezejada,
Que muito, que de hum Anjo recebida
Subisse para o Ceo tambem guardada.

Com

Com fatal ouzadia, horror tyranno.

OYTAVA I.

EM pranto se desfaça huma alma amante,
 (Que he justo se desfaça em pranto huma alma)
 Pois vé, que huma flor bella, e rutilante,
 Haja hum rigor, que a ponha em dura calma;
 Aqui perdeo o alento mais brilhante,
 Quando ao Regio esplendor levava a palma;
 De quem foy o rigor? Do fado infano,
Com fatal ouzadia, horror tyranno.

Te mostras hoje, ò Parca rigorosa.

OYTAVA II.

FOy do fado, e da Parca ouzada lida,
 Conspirando tirar a Magestade
 A esta flor, e por flor a mais luzida,
 Adorada de Venus por deidade;
 Já no Regio esplendor esclarecida
 Parecia do Ceo por divindade:
 Porque contra huma flor, flor taõ fermose,
Te mostras hoje, ò Parca rigorosa?

Em-

Em roubares a joya mais fermosa.

O Y T A V A III.

AY, que pena! ay, que dor! ay que lamento!
 Diz hum peito em mil ancias naufragante,
 Já sentindo, e ao sentir perdendo o alento,
 Naõ deixando o sentido por amante:
 Com rigor, tyrannia, atrevimento
 Com este peito, que Erario era flammante,
 Foste Parca cruel, foste ambiciosa.
Em roubares a joya mais fermosa.

Que o nosso Portugal gozava ufano.

O Y T A V A IV.

MAs ay, que a dôr no pranto successivo,
 Sempre ha de acompanhar tão dura pena,
 Que he justo, que acompanhe o excessivo
 De huma dor a outra dor, que o amor ordena:
 Seja já muito embora, e sempre activo
 Este pezar em mim, não mude a scena;
 Sempre finta de hum bem roubo tyranno,
Que o nosso Portugal gozava ufano.

Suprema traça foy, Divino Arcano.

O Y T A V A V.

E Ste o teu rigor fero, ò Parca dura,
 Contra a soberania exaltada
 Neste bem, que entre toda a fermosura
 Das flores, era a flor mais engraçada:
 Aos corações prendia com ternura,
 Desta flor a belleza sublimada;
 E o trocar o caduco em soberano,
Suprema traça foy, Divino Arcano!

Que morresse com guarda portentosa.

O Y T A V A VI.

S Uba, e passe a ser astro luminoso,
 Quem já cà, por ser flor, astro já era
 Sublimado em luzir mais grandioso,
 Do que brilhava o Sol na sua esfera:
 E se he flor, e se he astro portentoso,
 No Ceo seja astro, e flor da Primavera;
 E he assombro de hum astro, e flor ayrosa,
Que morresse com guarda portentosa?

Quem

LUCTUOSOS AYS.

Quem guardada da terra mais ditosa.

O Y T A V A VII.

POis morreo ? aqui o pranto mais se augmente,
 Entre os ays, e os suspiros do meu pranto,
 Pois se esta flor morreo, e astro luzente,
 Não ha mais que sentir, não caufe espanto;
 Pague assim huma fineza, que he excellente,
 Com outra, que toda he do amor encanto;
 E para o Ceo já suba venturosa,
 (*Quem guarda da terra*) mais ditosa.

Guarda leva de hum ser melhor, que humano.

O Y T A V A VIII.

POr divina belleza venerada,
 Sempre foy, e serà esta belleza,
 Gozando sempre os timbres de exaltada,
 Em o templo do amor, e da fineza:
 Augustissimamente respeitada,
 Ainda se está fazendo da grandeza;
 Se se ausenta, que tem, fado tyranno?
Guarda leva de hum ser melhor, que humano.

Esta

Esta bella deidade mais luzida.

OY T A V A IX.

NAõ reprima os suspiros, quem bem ama,
 Sempre com mil suspiros magoados,
 Sinta ausencias de hum bem em quem se inflamma,
 E se inflammava amor nos seus agrados;
 Belleza superior o amor a acclama,
 Entre os ays, e os suspiros, e os cuidados;
 Para onde já se ausenta esclarecida,
Esta bella deidade mais luzida?

Brilhando està no Ceo já collocada.

OY T A V A X.

PAra o Ceo ferà a ausencia proprio assento,
 De ti, deidade rara, e peregrina,
 E para o Ceo ferà novo portento,
 Vendo nelle belleza taõ divina:
 Com amante, e profundo acatamento,
 A respeitaõ os astros por mais digna
 Luz do Sol, e em seu folio sublimada
Brilhando està no Ceo já collocada.

Rey-

Reynando illustre Infanta em melhor vida.

O Y T A V A XI.

JA' fey no Ceo estais, astro brilhante,
 Dando já à esfera quarta luz mais pura,
 Pois ao Sol excedeis na luz radiante,
 Como à Aurora, e ao Sol em fermosura:
 Mas sempre sentirey, preexcelsa Infante,
 Desta ausencia o rigor, pois he ternura;
 Ainda que fey, que estais no Ceo luzida
Reynando illustre Infanta em melhor vida.

E como foy de Deos tão dezejada?

O Y T A V A XII.

VEnturosa subiste engrandecida,
 Collocada já là no firmamento,
 Por Sol, Aurora, e Estrella esclarecida,
 E a melhor que se vê no ethereo assento:
 Isto o prova a razão mais entendida,
 E diz, ao mesmo passo o entendimento:
 Tudo goza huma Infanta sublimada,
E como foy de Deos tão dezejada?

Que

Que muito, que de hum Anjo recebida.

O Y T A U A XIII.

D As delicias celestes a tua Alma,
 No Ceo estará gozando felizmente,
 E gozando-as já está em doce calma,
 E gozará na gloria eternamente:
 De Deos será esposa, e vede a palma,
 Que Deos na mão lhe dà Omnipotente;
 E se esposa he de Deos já tão querida,
Que muito, que de hum Anjo recebida?

Subisse para o Ceo tambem guardada.

O Y T A V A XIV.

N A terra foy o affombro da belleza,
 Naõ havendo já na terra fermosura,
 Que igualasse com a sua na grandeza,
 Pois a si só igualava na ventura:
 Duplicavão-se os cultos da fineza,
 Que por deidade tinha, e por luz pura,
 Pois que muito, que assim tão sublimada
Subisse para o Ceo tambem guardada.

PELOS

LUCTUOSAS
ZYA 2020UTOUJ



PELOS MESMOS CONSOANTES
DO GLOSADO SONETO,

Ao Mesmo assumpto

S O N E T O .

A O mais sensível golpe, e o mais tyranno,
 Se rendeo huma vida (rigorosa
 Penção da mesma vida) mais fermosa,
 Do que aquella, que goza o Sol ufano.
 Foy pasmo, e foy prodigio de hum arcano,
 Na acção executada portentosa ;
 Pois morrendo ao golpe, foy ditosa
 A vida, quando o golpe foy humano.
 O ser tão venturosa, he ser luzida
 Em o celeste Empyreo, e collocada
 Em o mesmo gozando melhor vida.
 Assim vós, ó Infanta dezejada
 Dos Cortesoens do Ceo, sois recebida,
 Para esposa de Christo só guardada.

Ao mes-

Ao mesmo assumpto pelos mesmos consoantes forçados do Soneto, que vem nos Accentos Saudosos das Musas Portuguezas, Autor Manoel Pereira da Costa, que diz,

SONETO.

D Esmayado Planeta, que accidente,
 Perturbou dos teus rayos a harmonia?
 Como se atreve ao Ceo tanta agonia,
 Sem que a dor sacrilegios accrescente?
 Se eras da Lusã esfera astro vivente,
 Que de luzes Imperios produzia;
 Como o Augusto esplendor, que enveja o dia,
 Hoje te usurpa sombra irreverente?
 Aqui dizem se occulta essa luz pura;
 Mas eu hoje com raro, e novo espanto,
 Em cristal hey de abrir-te a sepultura;
 Esse tumulo he breve a occaso tanto;
 Pois de hum Sol ecclipsado a fermosura,
 Sò tem urna decente em mar de pranto.

Pelos

Pelos mesmos consoantes

SONETO.

A Huma luz taõ fermosa hum accidente
 Assim se atreve ouzado? que armonia
 Faz hum desmayo a luz! sim agonia
 He da fermosa luz, quando à crescente?
 Oh, como todo o esferico vivente.

Sentirá desta luz (que produzia
 Alentos já as esferas, já ao dia)
 Esta magoa tatal, e irreverente?
 Mas subio como eccllipse à luz mais pura,
 Que no Ceo se està vendo sem espanto,
 E com cultos se vê na sepultura;
 No occaso naõ ha de ser, que esplendor tanto,
 Sò no Oriente sepulta a fermosura,
 Suspendendo a do Sol, da Aurora o pranto.

*De Dona Agueda Maria do Sacramento, Religiosa
 no Mosteiro do Paraizo da Cidade de Evora.*

*Ao mesmo assumpto do mesmo Autor o segundo Soneto,
ambos com acclamações de sem segundos, e diz,*

SONETO.

DO jardim Luso a melhor flor sem vida!
 A imagem de Minerva sem alento!
 Das tres Graças o coro em sentimento!
 Do Sol a precusora escurecida!
 Da Aurora a melhor perola perdida!
 Da Lusitania o Ceo sem movimento!
 Do bello o original sem luzimento!
 A luz da Lyfia a sombras reduzida!
 Do Augusto a idea já sem permanencia!
 Da Regia estirpe em flor cortado o fruto!
 Todo o Imperio do amor em decadencia!
 Transformando o divino em triste luto!
 Ou parece se esquece a Providencia,
 Ou passa a crueldade, o que he tributo.

Pelos

Pelos

Pelos mesmos consoantes

SONETO.

JA' o alento, que dava alento à vida,
E a vida, que tudo era hum puro alento,
Entre hum luctuoso pranto o sentimento,
A lamenta por luz escurecida:
Luz era, por quem a luz do Sol perdida
Andava em continuo movimento:
Que para ter mais Regio luzimento,
Ver queria esta à sua reduzida.
Mas ainda que não tem já permanencia
Desta luz, flor tambem o altivo fruto,
O ha de ter, ainda tendo decadencia.
Que huma flor, e huma luz não traja luto
Por morrer luz, e flor que he Providencia,
Que a flor, luz sejaõ Fenix por tributo.

De Dona Brites da Conceição, Religiosa no Mosteiro de Santa Monica da Cidade de Evora.

F I M.

*Do mesmo assumpto do mesmo Autor o Segundo Soneto,
ambos com acclamacoes de Poesias, e diz,*

S O N E T O S

DA Aurora, que do mundo a vida
 A luz cria, por quem a luz do sol perdida
 Andava em continuo movimento:
 Que para ter mais Regio luzimento,
 Ver querias esta luz reduzida.
 Mas ainda que não tem ja permanencia
 Dessa luz, hor tambem o ativo furo
 O ha de ter, ainda tendo decadencia.
 Que huma flor, e huma luz não traja late
 Por morrer luz, e flor que he Providencia
 Que a flor, luz seja Fenix por tributo.

*De Dona Brices da Conceicao, Religiosa no Most.
 eiro de Santa Monica da Cidade de Evora.*